



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A reciprocidade da influência: a ideia de unidade habitacional e unidade de vizinhança na cidade moderna do segundo pós-guerra

*The reciprocity of the influence:
the idea of housing unit and neighborhood unit in the second postwar modern city*

*La reciprocidade de la influencia:
la idea de la unidad de vivienda y la unidad vecinal en la ciudad moderna del segundo
postguerra*

ESKINAZI, Mara Oliveira (1);

(1) Professora Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/ UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; e-mail: maraoc@via-rs.net



- () Ambiente e Sustentabilidade () Crítica, Documentação e Reflexão () Espaço Público e Cidadania
() Habitação e Direito à Cidade () Infraestrutura e Mobilidade () Novos processos e novas tecnologias
() Patrimônio, Cultura e Identidade

Modos de troca no segundo pós-guerra: a ideia de unidade habitacional e unidade de vizinhança na cidade moderna do segundo pós-guerra

*The reciprocity of the influence:
the idea of housing unit and neighborhood unit in the second postwar modern city*

*La reciprocidade de la influencia:
la idea de la unidad de vivienda y la unidad vecinal en la ciudad moderna del segundo
postguerra*

RESUMO

O período que sucedeu a II Guerra Mundial deu lugar a experimentações práticas e discussões teóricas decisivas para o desenvolvimento da ideia de cidade moderna. É nesse contexto que são desenvolvidos pelo grupo Opbouw, liderado por Jacob Bakema, na Holanda, uma série de projetos que visavam a construção de grandes áreas habitacionais, como Pendrecht (1948-1953), em Rotterdam. Este configura uma das principais situações escolhidas pelo grupo para discutir o quarteirão urbano a partir de esquema composto por formações de unidades habitacionais que, agrupadas, formam unidades de vizinhança. Poucos anos mais tarde, o Plano Piloto de Lúcio Costa para Brasília (1957) aponta em direção semelhante. Assim como para o Opbouw as unidades habitacionais formam a base estruturadora dos projetos para Rotterdam, para Lúcio as superquadras e as unidades de vizinhança são igualmente a raiz do Plano Piloto de Brasília. Assim, o presente artigo pretende investigar de que modo o recurso aos conceitos de unidade habitacional e unidade de vizinhança empregados nos projetos europeus, imediatamente precedentes ao projeto para Brasília, podem ter se disseminado no Brasil através das publicações estrangeiras da época e influenciado a concepção de Lúcio para as superquadras de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: unidade de habitação, cidade moderna, segundo pós-guerra

ABSTRACT

The period following World War II gave rise to practical trials and theoretical discussions decisive for the development of the idea of modern city. It is in this context that are developed by Opbouw group, led by Jacob Bakema in the Netherlands, a number of projects that aimed to build large residential areas such as Pendrecht (1948-1953), in Rotterdam. This project has configured one of the main situations chosen by the group to discuss the city block from a scheme that consists of formations of housing units that, grouped, form neighborhood units. A few years later, the Plano Piloto for Brasilia (1957), from Lúcio Costa, points in a similar direction. As for Opbouw the housing units form the basis for structuring the projects for Rotterdam, for Lúcio the superblocs and neighborhood units are also the basis of the Plano Piloto of Brasilia. Thus, this article aims to investigate how the use of the concepts of housing unit and neighborhood unit, employed in the European projects immediately preceding the design for Brasilia, may have been disseminated in Brazil through international publications at the time and influenced the design of Lúcio for the superblocs from Brasilia.

KEY-WORDS: housing units, modern city, second postwar



RESUMEN:

El período posterior a la Segunda Guerra Mundial dio lugar a ensayos prácticos y discusiones teóricas decisivos para el desarrollo de la idea de ciudad moderna. Es en este contexto que se desarrolló por el grupo Opbouw, liderado por Jacob Bakema en Holanda, una serie de proyectos destinados a la construcción de grandes zonas residenciales como Pendrecht (1948-1953), en Rotterdam. Este proyecto ha configurado una de las situaciones principales escogidos por el grupo para discutir el bloque urbano a partir de esquema que consiste en formaciones de unidades de vivienda que, agrupadas, componen las unidades vecinales. Unos años más tarde, el Plano Piloto de Brasília, de Lúcio Costa (1957), apunta en una dirección similar. En cuanto para Opbouw las unidades de vivienda constituyen la base para la estructuración de los proyectos de Rotterdam, para Lúcio los superbloques y unidades vecinales son también la raíz del Plano Piloto de Brasília. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo investigar como el uso de los conceptos de unidades de vivienda y de unidades vecinales empleados en proyectos europeos diseñados inmediatamente antes a el diseño de Brasília puede haber sido difundido a través de publicaciones estrangeiras en Brasil en la época e influenciado en el diseño de Lúcio para los superbloques de Brasília.

PALABRAS-CLAVE: *unidad de vivienda, ciudad moderna, segundo posguerra*

1. MODOS DE TROCA ENTRE ROTTERDAM E BRASÍLIA

O período que sucedeu ao fim da II Guerra Mundial deu lugar, no contexto europeu, a importantes experimentações práticas e discussões teóricas que foram decisivas para o desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo nos anos seguintes. As preocupações relacionadas com a nova situação que a arquitetura moderna foi confrontada no pós-guerra foram debatidas com intensidade crescente, atingindo seu auge em meados dos anos 1950, e tiveram como principal palco de discussões os congressos do CIAM. Nesse contexto, o grupo de jovens arquitetos que formavam o Team 10, que assumiram a liderança dos CIAMs a partir do CIAM 9, realizado em Aix-en-Provence em 1953, ocupava-se em propor uma reorientação na análise e no tratamento dos problemas urbanos, deslocando a ênfase da grande para a pequena escala. A partir dessas discussões, a ideia de cidade que surge no pós-guerra dá início a uma postura paradoxal de, ao mesmo tempo, incorporação e crítica da herança deixada pelas vanguardas modernas.

É nesse contexto que são desenvolvidos, na Europa, uma série de projetos, vinculados com as necessidades de reconstrução deixadas pela guerra, que visavam a construção de grandes áreas habitacionais. Exemplo significativo disso são os projetos desenvolvidos na Holanda pelo grupo Opbouw, liderado por Jacob Bakema, como Pendrecht (1948-1953) e Alexanderpolder (1953-1956), em Rotterdam. Estes configuraram umas das principais situações escolhidas pelo grupo para discutir, em âmbito projetual e teórico, os temas relativos ao quarteirão urbano.

Esses temas são abordados pelos membros do Opbouw a partir da aproximação ao esquema composto por formações de unidades habitacionais (ou carimbos) que, agrupadas, formam as unidades de vizinhança. As unidades habitacionais são agrupamentos formados pela combinação de diferentes tipos de habitações, de modo que uma expressiva variedade social e de tipos e tamanhos de famílias pudessem viver integradamente em espaços também diversificados. Ao serem agrupadas e combinadas (em geral em grupos de seis a dez), as unidades habitacionais formam as unidades de vizinhança, unidades maiores, dotadas de comércio, escola e áreas de lazer, que, separadas entre si por faixas arborizadas, cumprem o papel de delimitar a escala do bairro. Assim, a unidade habitacional, ao atuar como unidade reconhecível de composição arquitetônica e social, que remete à ideia de quarteirão aberto, foi o esquema ordenador encontrado pelo Opbouw para organizar o espaço e ao mesmo tempo expressar as diferenças e individualidades encontradas na sociedade.

Paralelamente, poucos anos mais tarde, o Plano Piloto de Lúcio Costa para Brasília (1957) aponta em direção semelhante. Se Lúcio, por um lado, concede o sentido de monumentalidade à parte cívica da cidade na forma do Eixo Monumental, por outro ele estabelece o plano comum da vida doméstica em pequena escala em superquadras abertas porém resguardadas da exposição pública por uma densa cinta arborizada, fazendo alusão a ideia de configuração de um “pátio interno urbano”. No memorial descritivo do projeto, Lúcio deixa claro que seu objetivo com as superquadras é “restabelecer, em ambiente moderno”, uma “escala humana mais próxima da nossa vida doméstica e familiar tradicional”.

Ou seja, assim como para o Opbouw as unidades habitacionais formam a base estruturadora dos projetos para Rotterdam, para Lúcio as superquadras e as unidades de vizinhança são igualmente a raiz do Plano Piloto de Brasília. As superquadras – que podem, com isso, ser

pensadas em analogia às unidades habitacionais holandesas – ao serem agrupadas em dois pares contíguos, também definem uma unidade de vizinhança, que por sua vez delimita a escala do bairro. Da mesma forma, a unidade de vizinhança de Brasília define um perímetro onde localizam-se equipamentos como comércio, escola e áreas de lazer.

Com base nessas constatações, o presente artigo pretende investigar, através de análises comparativas dos projetos de Bakema e Lúcio, de que modo o recurso aos conceitos de unidade habitacional e unidade de vizinhança empregados nos projetos europeus, imediatamente precedentes ao projeto para Brasília, podem ter se disseminado no Brasil através das publicações da época, e influenciado, deste modo, a concepção de Lúcio para as superquadras de Brasília. Para tanto, olharemos a seguir para um dos projetos realizados por Bakema junto ao grupo Opbouw para Rotterdam, Pendrecht, e para o projeto de Lúcio Costa para Brasília, buscando identificar de que modo as ideias de configuração de grandes áreas habitacionais a partir da articulação de diferentes tipos de edifícios lineares, e de uma combinação de unidades habitacionais que, repetidas e somadas, dão forma a unidades de vizinhança, podem ter exercido influência em Lúcio Costa, uma vez que foram incorporadas de modo análogo no projeto de Brasília. Os projetos holandeses foram vastamente publicados em revistas europeias, como *Forum*, *Werk*, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, *Integral*, *Bauen + Wohnen*, e *Architectural Design*,¹ mas não aparecem nas revistas nacionais como *Acrópole e Habitat*; já o projeto para Brasília foi publicado tanto nas locais, como *Acrópole, Habitat e Módulo*, quanto em revistas europeias como *L'Architecture d'Aujourd'hui*, entre outras.

Cabe lembrar que o objetivo deste artigo não é traçar análises detalhadas dos projetos em foco, já vastamente estudados, mas sim olhar para o modo como os conceitos de unidade de habitação/ superquadra e unidade de vizinhança foram empregados em cada uma das situações, procurando compreender que tipo de influências e intercâmbio de ideias pode ter ocorrido, considerando que são projetos fartamente divulgados em periódicos na época.

2. O OPBOUW E A CONFIGURAÇÃO DE UNIDADES HABITACIONAIS E UNIDADES DE VIZINHANÇA EM PENDRECHT, ROTTERDAM

Inserido nesse quadro do segundo pós-guerra, o grupo Opbouw (que, em conjunto com o grupo De 8, formava a delegação holandesa do CIAM) exerce papel importante nos esforços de reconstrução da Holanda no pós-guerra e de resolução do déficit habitacional do país. O Opbouw foi inicialmente estabelecido como uma associação local de arquitetos e artistas afins, intimamente ligado ao *Nieuwe Bouwen*, fundada e dissolvida duas vezes (1920-1941 e 1947-1957). Após a guerra, a arquitetura do Opbouw exerce influência determinante em Rotterdam, e a ênfase recai com maior força no campo das questões habitacionais e das futuras extensões urbanas. É nesse contexto que seus membros envolvem-se com a elaboração de uma série de questões relacionadas com a situação da habitação.

Ao definir e classificar as necessidades básicas em termos do indivíduo, da família e da comunidade, eles acabam por se opor a soluções universalistas e, logo, por criar diferentes escalas de aproximação ao problema. Além disso, passam a lidar também com ideais de

¹ Os projetos para Pendrecht e Alexanderpolder foram publicados nas seguintes revistas: *Forum* 2-3/1949, 6-7/1952, 3/1953, 10/1953, 4/1956, 7/1959; *Werk* 1/1957; *L'Architecture d'Aujourd'hui* 49 e 63; *Integral* 8/1957; *Bauen + Wohnen* 3/1959; e *Architectural Design* 5-19/1960 e 2/1961.

integração. Assim, eles se opõem à ideia de zonear a cidade em diferentes funções, propondo, ao contrário, que as funções urbanas deveriam ser incorporadas aos bairros habitacionais.

A partir desse quadro geral de atuação do Opbouw, observa-se que o projeto para Pendrecht configura uma das principais situações escolhidas pelo grupo para discutir, tanto em âmbito projetual quanto teórico, os temas relativos ao quarteirão urbano. Ademais, além de estar também, junto com o projeto para Alexanderpolder (1953-56), entre os mais presentes em publicações da época, Pendrecht e Alexanderpolder acabaram por destacar-se por terem sido repetidamente apresentados nos congressos do CIAM entre 1949 e 1956.

O bairro de Pendrecht localiza-se na margem sul de Rotterdam, e o projeto previa a construção de uma área residencial autônoma que deveria conter, além das habitações, instalações como escolas, igrejas, comércio, serviços, áreas verdes e áreas de lazer (Figuras 1 e 2). O projeto foi desenvolvido entre 1948 e 1953 por Jacob Berend Bakema e Lotte Stam-Beese, com apoio de outros membros do Opbouw. Stam-Beese desenvolve a versão final construída, tomando como base os experimentos desenvolvidos inicialmente por ela e pelo Opbouw. Além da versão construída, versões experimentais foram desenvolvidas pelo Opbouw e apresentadas em dois encontros sucessivos do CIAM, 1949 e 1951.

Figuras 1 e 2: Localização de Pendrecht em Rotterdam e implantação da área.



Fonte: Google Earth, 2013.

Bakema e Stam Beese desenvolvem o projeto com o objetivo de projetar tantas variações espaciais quantas forem possíveis. Para Bakema, blocos monótonos, com exceções experimentais, são agressivos para as cidades; portanto, para ele a grande tarefa da época seria expressar, através da arquitetura, a identidade dos vários grupos, sejam familiares, sociais ou de trabalho.² Assim, ele aplica a partir de 1947 o conceito de unidades habitacionais, entendido enquanto agrupamento repetido de diferentes tipos habitacionais e sua relação com o ambiente, para desenvolver novos tipos habitacionais e novos princípios organizadores para as funções urbanas que fossem capazes de gerar ambientes variados, do ponto de vista espacial, tipológico e social. Nos estudos para Pendrecht, Bakema aplicou os conceitos de unidades vizinhança e unidades habitacionais (como sinônimos para selos ou carimbos), que constituíam-se em combinações repetidas de agrupamentos menores formados por diferentes

² BAKEMA, 1982, op. cit., p. 142.

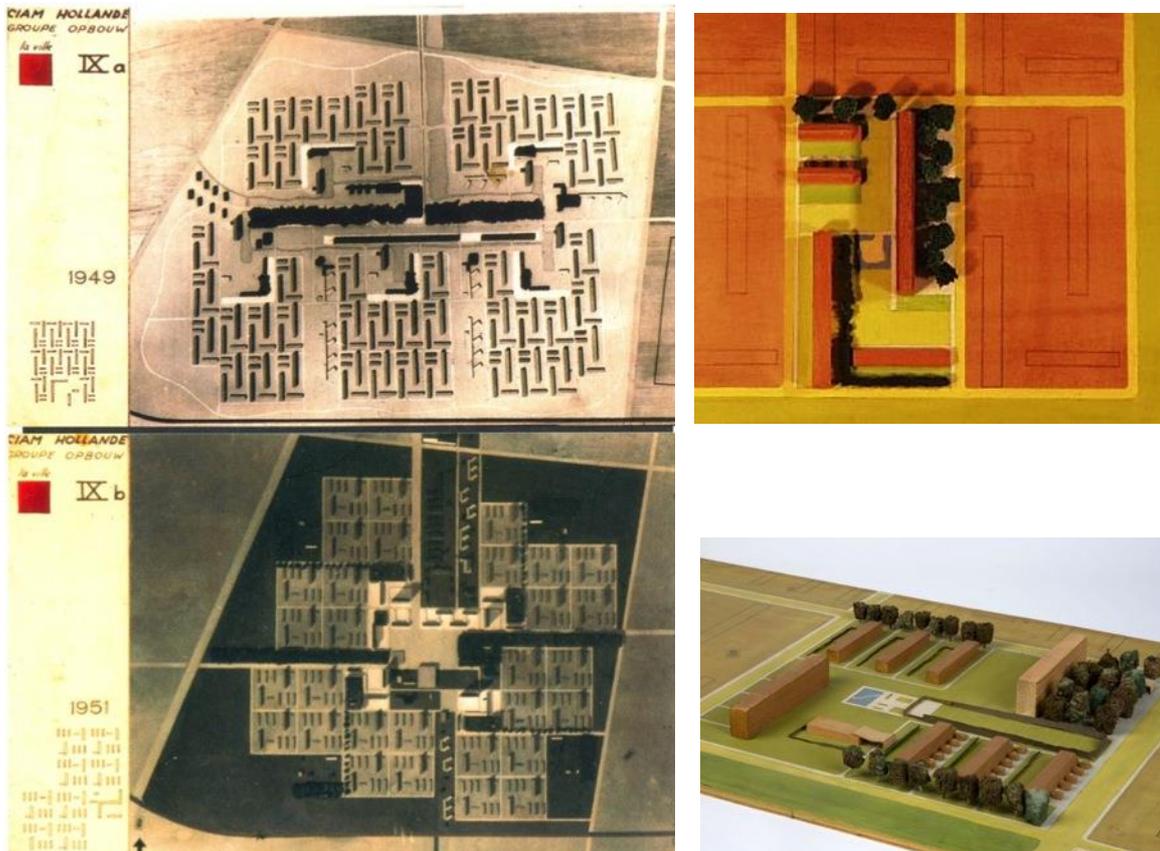
tipos de habitações, de modo que uma expressiva variedade social e de tipos e tamanhos de famílias pudessem viver integradamente em espaços também diversificados.

Com base nessas ideias, Pendrecht foi o primeiro projeto a ser desenvolvido na Holanda a partir do emprego da unidade de vizinhança, solução desenvolvida com o intuito de tentar driblar a perda do espírito de comunidade nas grandes cidades. No entanto, a teoria por trás do princípio da unidade de vizinhança não foi introduzida somente no pós-guerra. Suas bases já haviam sido estabelecidas ainda durante a guerra pelo engenheiro A. Bos, diretor de planejamento urbano da cidade de Rotterdam, e por W. Van Tijen nos núcleos das novas extensões que, antes de serem anexadas por Rotterdam, já formavam comunidades independentes. Essas ideias foram publicadas no livro “De stad der toekomst, de toekomst van de stad” (A cidade do futuro, o futuro da cidade), de 1946. De acordo com Bos, o emprego de vegetação abundante nas unidades de vizinhança constitui um valor indispensável para a habitação e para as áreas habitacionais, e sua ausência constitui um crime contra o indivíduo e a comunidade. Desse modo, cinturões de vegetação são empregados como meio de separar e identificar as diversas unidades de vizinhança.

A composição adotada em Pendrecht, que parte de uma organização baseada na combinação de unidades de vizinhança com unidades habitacionais ou carimbos – padrões repetidos de justaposição ou combinação de formas de habitações e tipos habitacionais de modo que as diferentes categorias de habitantes pudessem morar integradas –, foca-se nas relações entre as partes e o todo da cidade com o objetivo de torná-la mais ordenada. Essas relações são articuladas a partir dos sucessivos componentes urbanos – da rua, quarteirão, distrito, bairro, etc., e cada nível de escala contém especificidades. A partir disso, foi concebida uma hierarquia com base na importância dos diferentes núcleos, variando gradualmente do núcleo da praça central, de maior importância, para os núcleos secundários como igrejas, escolas, jardins de infância, playgrounds, e finalizando nos núcleos residenciais. Esse modo de relacionar os elementos urbanos, baseado em valores como o estabelecimento de relações, a integração funcional, a diferenciação, e a presença de núcleos com graus distintos de importância, encontra fundamento no conceito de elementos transicionais desenvolvido por Bakema.

Considerando essas premissas, o projeto passa a ser desenvolvido conjuntamente por Stam-Beese e Bakema, com a colaboração de De Vries, Hovens Greve, entre outros. Duas versões são apresentadas em congressos do CIAM – a primeira em julho de 1949 no CIAM 7, em Bergamo, e a segunda em julho 1951 no CIAM 8, em Hoddesdon (Figuras 3 e 4). A partir destes estudos iniciais, surge a versão construída, que aproxima-se a um esquema modulado, compreendendo formações de unidades habitacionais que, agrupadas, compõe quatro unidades de vizinhança localizadas ao redor de instalações públicas, comerciais e de serviços, como lojas, escolas, e áreas de lazer. Essa mudança de orientação relaciona-se com a criação, nessa etapa, da unidade habitacional (ou o carimbo) enquanto unidade de composição arquitetônica e social no plano urbano – e, após, como unidade social no novo bairro.

Figuras 3, 4, 5 e 6: Versões apresentadas nos CIAMs de 1949 e 1951 e respectivas unidades de habitação.



Fonte: www.nail.nl, 2013.

A unidade habitacional, composição reconhecível na paisagem, que remete à ideia de quarteirão aberto, não é somente uma unidade social e geográfica, onde as pessoas vivem em um mesmo contexto particular no tempo e no espaço, mas representa também uma entidade espacial. Ela foi o esquema ordenador encontrado pelo Opbouw para expressar as diferenças e individualidades encontradas na sociedade, e essa exploração se deu por meio da noção de grupos visuais e das teorias que vinculam percepção e arquitetura. Baseando-se na premissa de que a percepção de ordem na composição da forma implica percepção de unidade e de uma estrutura na organização dos elementos ou partes que compõem o todo e que, portanto, o que pode ser percebido com um simples olhar é instantaneamente reconhecido como uma entidade, a ideia de formar grupos visuais constitui a base para assentamentos habitacionais organizados e mostrou-se como uma forma conveniente para proporcionar identidade em uma situação em que as unidades seriam repetidas em função do sistema de pré-fabricação e da necessidade de prever futuras expansões dessas áreas habitacionais. Com isso, diferentes tipos habitacionais e as diversas funções comunitárias a eles associadas, como educação e comércio, foram organizados em grupos visuais ou unidades habitacionais de modo a formar, por sua vez, grupos maiores – unidades de vizinhança – organizadas ao redor de serviços de escala urbana. A unidade habitacional foi, portanto, uma ferramenta empregada como forma de evitar a monotonia na habitação de baixo custo através da diferenciação da massa

construída em unidades visualmente identificáveis, nas quais diferentes tipos habitacionais e diferentes funções poderiam ser integradas em uma entidade comum e passível de repetição.

A partir disso, a implantação do Opbouw de maio de 1949 mostra um esboço da estruturação do projeto baseando-se no módulo de 140mx80m correspondente a uma unidade habitacional, e desenhos de junho de 1949 de Stam-Beese mostram seu detalhamento. Em junho de 1949, o projeto já aparece estruturado em função desse modelo de unidade habitacional, e é assim apresentado no CIAM 7, em Bergamo, em 1949. Para o CIAM 8, em Hoddesdom em 1951, o grupo assimila as críticas levantadas no congresso anterior, e promove uma reformulação no plano. A ideia de estruturação da área a partir das unidades habitacionais é mantida, mas com modificações em sua composição e tamanho. As unidades habitacionais passam a ter forma quadrada, com 140mx140m de dimensões, ou seja, a contar com aproximadamente o dobro de área da versão anterior. (Figuras 5 e 6)

O projeto construído é um desenvolvimento da solução de 1949. A obra estendeu-se de 1954 até 1965. A versão construída é composta por quatro unidades de vizinhança articuladas em torno de um núcleo central que abriga comércio e serviços, divide-se em uma porção norte e uma sul através do traçado da avenida Slinge, e é cortado por um eixo norte-sul onde foram implantadas instalações como escola, igreja, comércio e serviços. Na porção localizada ao norte da Slinge, esse mesmo eixo divide as duas unidades de vizinhança e conecta o bairro com o cinturão formado pelo Zuiderpark, parque vizinho ao norte.

O plano final (Figura 7) tem aproximadamente 5.744 habitações distribuídas em 105ha. As unidades habitacionais retomam o formato inicial, com 140mx80m de dimensões, repetem-se como carimbos estampados espalhados pelo plano, e organizam-se lado a lado espelhadas, com a mesma combinação de tipos de edifícios e mesmas motivações de projeto vinculadas à busca por mistura social e, conseqüentemente, por variedade tipológica. Ou seja, a repetição aqui ocorre em termos da unidade habitacional; contudo, internamente a ela, a variedade é uma preocupação expressa em distintos âmbitos do projeto.

Figura 7: Versão final do projeto conforme construído.



Fonte: DAMEN; DEVOLDER, 1993, p. 60.

Assim como na configuração proposta em 1949, cada unidade habitacional tem aproximadamente 90 apartamentos e 18 casas organizadas em fita, e é composta por cinco edifícios – o que resulta em uma população de aproximadamente 3.000 a 4.000 habitantes por unidade de vizinhança. Esse padrão morfológico gera uma estrutura espacial neutra – um grid –, de modo que o bairro não é dividido em áreas residenciais separadas; o grid não é formado somente pela distribuição dos edifícios, mas também pelo sistema de vias de pedestres, caminhos e áreas de lazer que se espalham através de sua matriz, de modo difuso, conectando os jardins comuns e as habitações. O verde das árvores e os jardins privados dos apartamentos térreos são usados, em conjunto com os edifícios, como massas que delimitam as ruas e os jardins públicos comuns, diferenciando gradativamente o espaço público, o semipúblico e o privado. A combinação entre os diferentes tipos é a estratégia empregada, no interior de cada unidade habitacional, como recurso para estruturação da forma urbana. (Figuras 8, 9, 10 e 11)

O Opbouw se dissolve em 1957, e a unidade habitacional continuou até então sendo desenvolvida como princípio estruturador e como elemento base para os projetos seguintes. Pendrecht desempenhou um papel crucial no pensamento arquitetônico e urbanístico do pós-guerra, uma vez que uma série de elementos de projeto urbano contemporâneos à época foram introduzidos e testados no novo contexto que se descortinou com o fim da guerra. Com isso, Pendrecht ficou marcado como modelo do emprego dos conceitos de unidade habitacional e unidade de vizinhança, e influenciou o projeto de uma série de outras áreas habitacionais construídas nos subúrbios holandeses e no exterior a partir dos anos 1950.

Figuras 8, 9, 10 e 11: Vistas dos edifícios e do interior de uma das unidades de habitação.



Fonte: fotos da autora.

3. LÚCIO COSTA E A CONFIGURAÇÃO DE SUPERQUADRAS (UNIDADES HABITACIONAIS) E UNIDADES DE VIZINHANÇA EM BRASÍLIA

Com grande frequência, a ideia de Lúcio Costa para as superquadras e para a configuração de unidades de vizinhança como elemento básico do tecido urbano esteve normalmente conectada à ideia originalmente proposta por Clarence Perry em 1929, precursor da unidade de vizinhança, ou ainda às New Towns inglesas ou americanas, como Radburn (1929) ou Harlow (1947), onde a unidade de vizinhança foi adotada como principal elemento na configuração urbana. Porém, com base nas análises dos projetos desenvolvidos a partir de fins dos anos 1940s pelo grupo Opbouw na Holanda, como visto acima em Pendrecht, a presente pesquisa aponta para a ideia de que a difusão e a publicação nos meios especializados das discussões e dos projetos produzidos por eles no segundo pós-guerra no âmbito do CIAM podem ter contribuído fortemente para a opção de Lúcio Costa por fundamentar o plano para as áreas residenciais de Brasília em ideias análogas àquelas adotadas nos projetos holandeses – e, inclusive, apresentando evoluções com relação ao principal ponto de crítica dos projetos holandeses, que diz respeito à homogeneidade gerada pela repetição das unidades habitacionais –, baseadas na articulação entre unidades de habitação e unidades de vizinhança. Isso porque o debate gerado em âmbito europeu nos CIAMs desde o fim da II Guerra mostra que este era um tema muito presente nos projetos que estavam sendo realizados no período, em especial aqueles produzidos pelo Opbouw.³ Porém, cabe destacar que esta constatação não invalida as referências anteriores à Perry ou às New Towns, mas soma-se a elas.

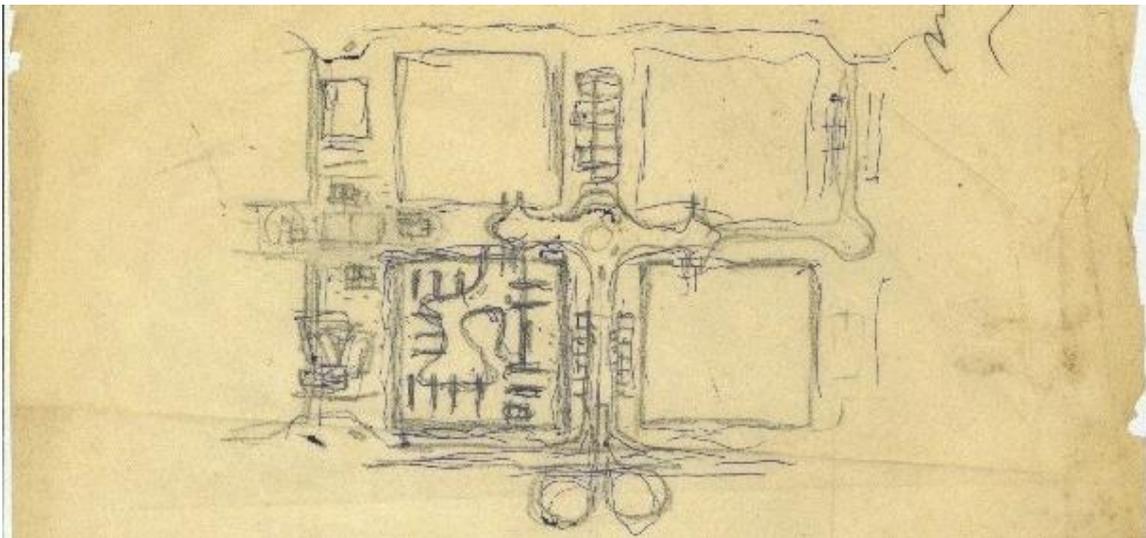
Para Clarence Perry, a ideia principal das unidades de vizinhança consistia em equipar a área com recursos e equipamentos urbanos necessários para o estabelecimento de um mínimo grau de autonomia na vida cotidiana (como escola, área comercial, restaurantes, área para recreação, igreja, etc), e que estivessem dispostos de modo a serem alcançados a curtas distâncias. Em Pendrecht e nos demais projetos do Opbouw para Rotterdam e arredores, essa ideia de autonomia é também uma constante, assim como são também presentes tanto o objetivo de promover a socialização nas relações de vizinhança, quanto a ideia de proteger as áreas habitacionais do trânsito pesado por meio da criação de cinturões verdes. Todos esses pontos, presentes desde Perry, e profundamente testados e desenvolvidos na Holanda do

³ Cabe lembrar que este tema não estava restrito, no âmbito europeu, a arquitetos vinculados ao CIAM. Outros arquitetos atuantes no período também estavam fazendo experimentações semelhantes, mesmo que sem ter o CIAM como palco de atuação. Este é o caso de Hans Scharoun, que projetou áreas residenciais para Berlim (como os projetos para as Células Habitacionais de Friedrichshain e Charlottenburg Nord) baseado em ideias semelhantes de configuração de unidades habitacionais e unidades de vizinhança, porém lançando mão de outra linguagem e de diferentes estratégias de composição e de combinação entre os edifícios que dão forma às unidades.

segundo pós-guerra, foram também ressaltados por Lúcio Costa no memorial descritivo apresentado no concurso para Brasília.⁴

Todo esse conjunto de características demonstra que, em Brasília, as superquadras podem ser pensadas em analogia não só às unidades habitacionais inglesas e americanas, mas também às unidades habitacionais do Opbouw. No entanto, elas são significativamente maiores que as de Pendrecht, por exemplo. Enquanto em Pendrecht cada unidade habitacional tem 140mx80m e abriga aproximadamente 300 habitantes em 3 edifícios lineares de 3 a 4 pavimentos e 3 conjuntos de casa em fita, as superquadras de Brasília medem 280mx280m (com faixa perimetral de 20m vegetada, destinada para o plantio de árvores de grande porte, denominada área *non aedificandi*), e foram previstas para abrigar entre 3.000 e 4.000 habitantes cada em, de um modo geral, uma média de 11 blocos ou edifícios lineares de 6 pavimentos com dimensões aproximadas de 12,5mx 85m. Quatro superquadras reunidas, equipadas com escola e jardim de infância, formam uma unidade de vizinhança, e há um padrão de sobreposição, de modo que cada superquadra pertence a duas unidades de vizinhança distintas, e cada duas superquadras compartilham alternadamente de uma entrequadra comercial. Assim, cada unidade de vizinhança conta com aproximadamente 12.000 habitantes, o que resulta em um número de habitantes bastante superior aos 3.000 ou 4.000 das unidades de vizinhança inglesas ou americanas, ou das unidades de vizinhança do Opbouw em Pendrecht, que contam com igual número de moradores que as inglesas. Cabe lembrar que a combinação de quatro superquadras com sobreposição não foi utilizada por Lúcio Costa somente como estratégia para quadruplicar a população das unidades habitacionais. Ela serviu também para integrar os serviços e equipamentos, reforçando seu caráter diversificado, e promover integração entre seus habitantes. (Figuras 12 e 13)

Figura 12: Croquis de Lúcio Costa para uma unidade de vizinhança.



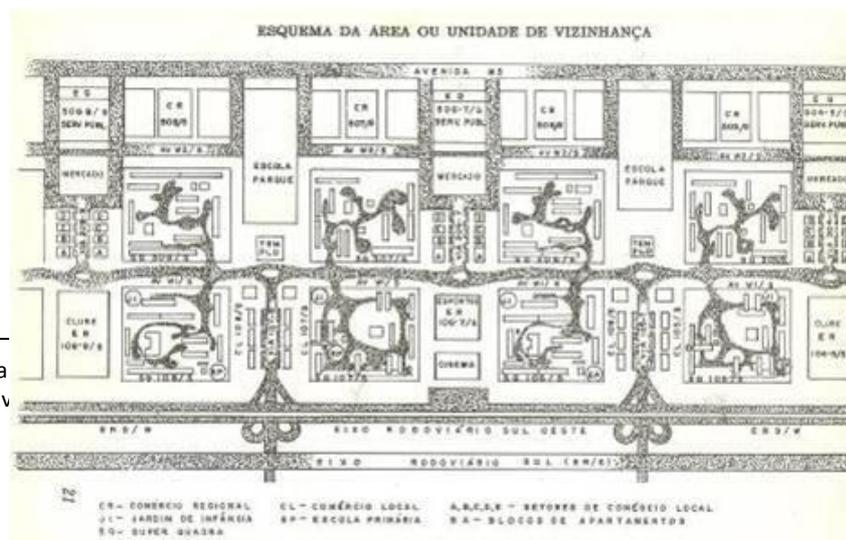
Fonte: COSTA, Lúcio. Memorial Plano Piloto de Brasília. Rio de Janeiro, 1957. Disponível em:
<http://www.jobim.org/lucio/bitstream/handle/2010.3/925/III%20B%2002-00693%20L%20.pdf?sequence=3>

⁴ COSTA, Lúcio. *Memorial do Plano Piloto de Brasília*. Rio de Janeiro, 1957. Disponível em:
<http://www.jobim.org/lucio/bitstream/handle/2010.3/925/III%20B%2002-00693%20L%20.pdf?sequence=3>

Contudo, apesar da analogia possível entre as unidades habitacionais holandesas e as superquadras, além das diferenças do ponto de vista dimensional, outro importante aspecto se destaca como fator a diferenciar ambas experiências. Em Brasília, a ideia de autonomia não se desenvolve da mesma forma que nas New Towns inglesas e americanas ou nas áreas habitacionais holandesas. Isso porque devido ao seu arranjo funcional, as unidades de vizinhança de Brasília não tem seus serviços e equipamentos implantados em áreas centralizadas e auto-suficientes, mas sim distribuídos nas margens das superquadras.

Porém, talvez o ponto que gere a mais importante diferenciação entre as unidades habitacionais de Bakema e companhia e as superquadras de Lúcio seja o fato de que, em Pendrecht, a implantação materializa uma disposição pré-definida dos edifícios sobre o terreno, fazendo com que as unidades habitacionais tornem-se realmente carimbos que repetem-se indiferenciadamente sobre o plano. Em Rotterdam, a diferenciação se dá somente do ponto de vista da variedade de tipologias de apartamentos adotados em uma mesma unidade, e da arquitetura dos edifícios, já que do ponto de vista urbanístico há repetição de um modelo como carimbo, o que contribui para a vinculação do conjunto a ideias de homogeneidade e monotonia. Por outro lado, em Brasília, a implantação sugerida por Lúcio materializa o ideal de livre disposição dos edifícios sobre o terreno. Esta proposta de implantação, embora livre, deveria pautar-se em algumas regras pré-estabelecidas (como a altura de seis pavimentos e a construção sobre pilotis), bem como na proposta de organização em forma de anel, onde há uma ordem interna que regula a organização dos edifícios em duas escalas: a primeira é a escala geral, segundo a qual os blocos devem formar um circuito, e a segunda é a escala reduzida, segundo a qual os pequenos grupos de blocos são organizados de modo alternado. Ou seja, em Brasília, os blocos podem estar implantados tanto no sentido leste/ oeste quanto norte/sul (o que libera também a relação entre o projeto do edifício e o traçado viário), e o modo como serão combinados e articulados torna-se tarefa do arquiteto responsável pelo projeto de cada superquadra. Essa estratégia é facilitada também pela eliminação da hierarquia entre as fachadas, uma vez que, com os térreos livres, o acesso aos edifícios independe da existência de fachadas frontais ou posteriores. Segundo o próprio Lúcio, *“Isto alterava muito porque você então permite que as pessoas atravessem a vista também, entrem não pela frente ou pelos fundos, mas por baixo do prédio. O acesso flui livremente através dos prédios, apesar dos prédios”*.⁵

Figura 13: Esquema de um trecho com duas unidades de vizinhança.



⁵ ZAPATEL, Jua
<http://www.v>

Fonte: www.portalarquitetonico.com.br

4. INFLUÊNCIAS E INTERCÂMBIO DE IDEIAS

O Opbouw encerra suas atividades em 1957, logo após o CIAM 10 de 1956. Durante a sua atuação, a adoção das unidades habitacionais enquanto componentes primários de projeto transformou substancialmente a lógica da relação de escala da unidade de planejamento urbano. O quarteirão urbano, antiga unidade de planejamento, passou por um decréscimo de escala, já que a nova unidade no plano deixa de ser o carimbo do quarteirão e passa a ser o grupo de carimbos da unidade habitacional – formando a unidade de vizinhança. No entanto, essa estrutura baseada na repetição de unidades habitacionais pode tender à homogeneidade e à monotonia, já que baseia-se na repetição programática das unidades de habitação. No entanto, a base para a composição tridimensional do carimbo é a estrutura da população e os diferentes tipos e tamanhos de apartamentos necessários para atender a essas diferenças sociais. Desse modo, as variações em Pendrecht têm como objetivo suprimir as demandas habitacionais de famílias de diferentes tamanhos e necessidades, e cada tipo de edifício deveria, portanto, refletir uma distinta estrutura familiar, gerando, com isso, variedade compositiva, espacial e social.

No entanto, apesar de ter servido de modelo, o projeto para Pendrecht deixou como legado marcas contraditórias. Por um lado, exerceu importante papel no desenvolvimento do urbanismo nos anos 1950 e contribuiu para dar rapidez e eficiência à produção habitacional do pós-guerra; porém, por outro lado, a unidade habitacional, justamente o elemento que agregou velocidade ao planejamento e à construção, é também o responsável pelas maiores sequelas deixadas pelo projeto. A repetição das unidades habitacionais foi extremamente útil ao possibilitar a racionalização do processo de projeto e também da construção, atingindo plenamente os requerimentos da época, mas, ao mesmo tempo, a repetição irrestrita das unidades como carimbos reduziu as possibilidades de variação no âmbito da unidade de vizinhança. Atualmente, Pendrecht tem passado por uma grande reestruturação, e muitos edifícios estão sendo demolidos e substituídos por novos, ou estão sendo reformados.

Por outro lado, o projeto de Lúcio Costa para Brasília, para além da simples constatação de que tenha recebido influência dos conceitos de unidade de habitação e unidade de vizinhança empregados pelos holandeses, pode também significar uma evolução com relação a eles, uma vez que propõe, através do emprego dos mesmos conceitos, uma solução que responde ao principal ponto de crítica apontado nos projetos do Opbouw – a homogeneidade e a monotonia obtidas a partir da repetição irrestrita das unidades habitacionais. Lúcio, ao deixar

a implantação do interior de cada superquadra nas mãos de diferentes arquitetos, que trabalharam a articulação dos seus edifícios de forma independente, mas dentro de determinados parâmetros, mostra que estes elementos de organização do espaço urbano poderiam ser pensados de modo análogo, mas com menor ênfase à repetição sistemática.

Desta forma, Lúcio responde a indagações específicas, sem abrir mão da experiência com os conceitos que eram tão caros ao CIAM, como por exemplo dando ênfase a uma das ideias principais por trás da organização por meio da articulação de unidades habitacionais com unidades de vizinhança, que constituía na estratégia de propor um deslocamento da ênfase da grande para a pequena escala, restaurando uma escala mais próxima da vida familiar tradicional, porém em ambiente moderno. Isso mostra que o projeto para Brasília, além de ter recebido influência dos projetos do braço holandês vinculado ao CIAM, pode não só significar uma evolução com relação a eles, como também pode ter dialogado com eles, dando força à hipótese de ocorrência de um intercâmbio de ideias no período, viabilizado pelas publicações. Ou seja, ao tratar de uma situação específica na qual se identificam modos de troca, se abre espaço não só para a assimilação dessas ideias na produção brasileira e vice-versa, mas para a compreensão do papel desses objetos e suas respectivas publicações no período e para a disseminação e integração de seus valores em condições regionais. (Figuras 17 e 18)

Figuras 17 e 18: Vistas aéreas de Pendrecht e Brasília.





Fonte: Wikimedia Commons

REFERÊNCIAS

- BAKEMA, Jacob Berend. *Architecture by Planning, Planning by Architecture*. Architect's Year Book, 1957, p. 23-42.
- BAKEMA, Jacob Berend. *What Became of CIAM?* Revista Architectural Review 129, abril de 1961, p. 226.
- BAKEMA, Jacob Berend. *Thoughts About Architecture*. Londres: Academy Editions, 1982.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume, 2002.
- BLOC, André. *9o Congrès des C.I.A.M. L'Architecture D'Aujourd'Hui* 24, número 48, julho de 1953.
- BONILLO, Jean-Lucien; MASSU, Claude; PINSON, Daniel. *La Modernité critique. Autour du CIAM 9 d'Aix-en-Provence*. Paris: Imbernon, 2006.
- BOSMAN, Jos; BOYER, Christine; CELIK, Zeynep; HIGHMORE, Ben; AVERMAETE, Tom; FRAMPTON, Kenneth. *Team 10 1953-81. In Search of a Utopia of the Present*. Rotterdam: NAI Publishers, 2006.
- BRAGA, Milton. *O Concurso de Brasília*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- COSTA, Lúcio. *Razões da nova arquitetura*. Em: *Sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.
- COSTA, Lúcio. *Memorial do Plano Piloto de Brasília*. Rio de Janeiro, 1957. Disponível em: <http://www.jobim.org/lucio/bitstream/handle/2010.3/925/III%20B%2002-00693%20L%20.pdf?sequence=3>
- COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- DAMEN, Helene; DEVOLDER, Annemie. *Lotte Stam-Beese, 1903-1988: Dessau, Brno, Moskou, Amsterdam, Rotterdam*. Rotterdam: Rotterdamse Kunststichting Uitgeverij de Hef, 1993.
- EL-DAHDAH, Farès. *Lúcio Costa – Brasília's Superquadra*. Munique: Prestel Verlag, 2005.
- ESKINAZI, Mara Oliveira. *A Cidade do Amanhã: Arquitetura moderna e habitação em Hans Scharoun e Grupo Opbouw*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB – FAU/ UFRJ, 2013.
- GOLDHAGEN, Sarah Williams; LEGAULT, Réjean. *Anxious Modernisms. Experimentation in Postwar Architectural Culture*. Montreal: Canadian Centre for Architecture, 2000.
- JOEDICKE, Jürgen. *Architektur und Städtebau. Das Werk der Architekten Van den Broek und Bakema*. Dokumente der Moderne Architektur. Band 3. Stuttgart: Kraemer Karl GmbH, 1963.



KOMOSSA, Susanne; MEYER, Han; RISSELADA, Max; THOMAES, Sabien; JUTTEN, Nynke. *Atlas of the Dutch Urban Block*. Amsterdam: THOTH Publishers, 2005.

KOMOSSA, Susanne. *The Dutch urban block and the public realm: models, rules, ideals*. Rotterdam: Vantilt Publishers, 2010.

PEDRET, Annie. *CIAM and the emergence of Team 10 thinking, 1945-1959*. Tese de Doutorado. Chicago: Massachusetts Institute of Technology, 2001.

Revista Acrópole: <http://www.acropole.fau.usp.br>

Revista Architectural Design, agosto de 1953, *CIAM 9*; maio de 1960, *CIAM Team 10*; e 31, janeiro de 1961, *The Truth about CIAM*.

Revista Bauwelt 51, 1940; 11, 1959.; 41/42, outubro de 1961; 49, 1966.

Revista Bauen + Wohnen 3, 1959; 10, 1959; 8, 1960; 4, 1963.

Revista Forum 2-3/1949; 6-7/1952; 3/1953; 10/1953; 4/1956; 7/1959; e 14, setembro de 1959. *CIAM Issue*.

Revista Integral 8/1957

Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui 48, julho de 1953; 49, outubro de 1953; 63, dezembro de 1955/ janeiro de 1956; e 104 (Habitat), outubro/ novembro de 1962.

Revista Módulo, 1957.

Revista Werk 1, 1957.



III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014
